

Cenas de um belíssimo casamento em clima de Primavera nos salões elegantes de São Luís

• Pags. 4, 5, 6 e 7



Chegada triunfal da noiva Hannah Rolim à Catedral Metropolitana de São Luís para tornar-se Sra. Rogério Duailibe, em cerimônia oficiada pelo padre

Fernando Motta inaugura exposição individual, dia 14, com uma nova coleção de telas no Convento das Mercês

• PAG.2



Divulgação



CENA
do bonito casamento de Rogério Duailibe com a jovem Hannah Rolim, oficiado pelo Padre Cláudio Fernandes

Um dos aspectos mais estranhos de perder um ente querido é que você continua sonhando com ele eternamente como se estivesse vivo. No seu inconsciente, ele tem para sempre a mesma idade de quando morreu.

Desde então, você lamenta não ter tido a oportunidade de acompanhar seu envelhecimento, essa etapa da vida que aprendemos a renegar.

Estamos acostumados a compartilhar histórias do crescimento e desenvolvimento de filhos, e com isso revivemos nossa própria infância. É como se experimentássemos, ao mesmo tempo, três idades: a do presente, a do passado projetado nos filhos e a do futuro vislumbrado na vida dos pais.

Mas esta terceira não é suficientemente celebrada. Pelo contrário, a etapa final da vida é uma ideia que preferimos não antever. Será que não se pode aprender com essa experiência assim como se aprende com os filhos?

Sempre tive medo de ver meu pai envelhecer. Olhando para trás, considero um medo bobo. Penso no tanto de coisas que mudaram no mundo desde que ele nos deixou. A consolidação das redes sociais (será que estaria no Face?), a crise política e econômica brasileira e os rumos que tomaram as vidas das outras pessoas da família. O que ele diria de tudo isso?

Algum tempo depois de sua morte, uma vizinha perguntou à minha avó se ela gostaria que um médium transcrevesse uma mensagem póstuma. A avó aceitou e guardou a suposta carta do filho com muita emoção. Recusei-me a ler, mas soube que o tal

A MEMÓRIA DO PAI:

no meu inconsciente, ele tem para sempre a mesma idade de quando morreu

espírito trazia palavras de louvor a Jesus, o que confirmou minha suspeita de que deveriam ter contratado um médium judeu.

Resta-nos o exercício da memória, como fez o escritor polonês Bruno Schulz (1892-1942), que dedicou boa parte de sua curta e brilhante ficção à vida do pai doente, em registros autobiográficos que transitam entre um realismo mítico e o fantástico.

Com a prosa de alta voltagem poética que lhe é característica, Schulz erigiu um monumento literário de excepcional dignidade que se contrapõe à decadência mental e física narrada nos textos.

Schulz teria motivos para evitar pensar no pai. Seu fim foi longo e doloroso e deixou a família em uma situação financeira delicada. Mas, pelo contrário, o escritor tem uma fascinação por aquela figura, a qual descreve com riqueza de detalhes tamanha que você não sabe onde termina a memória e onde começa a imaginação.

“Sanatório”, romance, ou costura de contos, de

Bruno Schulz parece um texto de Kafka reescrito em parte por alguém como Walter Benjamin, capaz de retirar histórias de pequenos objetos esquecidos, como um álbum de selos.

A diferença de Schulz é que, sobre um painel de suas recordações de infância, o tempo e as poucas imagens da realidade objetiva presentes em seus textos são reorganizadas de forma grotesca e surreal, um traço típico da prosa de muitos países periféricos. Schulz nasceu na Galícia, região que pertenceu ao Império Austro-Húngaro, à Polônia e à ex-União Soviética. Foi morto em 1942 por um soldado nazista.

O livro foi publicado na Polônia em 1937 e escrito provavelmente depois de 1933. A tradução brasileira foi feita diretamente do original polonês.

“Sanatório sob a Clepsidra”, uma das histórias que o compõe, era o título original. Neste conto, o protagonista habitual de Schulz, seu alter-ego Joseph, sai a procura

do pai em hospital para doentes graves. Não há passageiros no trem em que viaja ou nas estações por onde passa.

No hospital decadente erra por corredores à procura do médico, doutor Gotard. Quando encontra o pai, este lhe pede que investigue como vão os negócios de sua loja, na cidade. Em um restaurante do lugarejo, encontra o pai, que o ridiculariza, em uma espécie de festa. De volta ao hospital, seu pai, novamente, reclama de que Joseph o deixara dias sozinho. Logo depois, sem aviso aparente, começa uma guerra. O sanatório, está atrasado no tempo. O pai está morto, “do ponto de vista da sua família e do país”, explica o médico. No entanto, todos dormem para “economizar energia vital”.

Entremendo a narração semi-fantástica, há descrições detalhadas de objetos e situações, estas também ilógicas. Uma espécie de telescópio que se transforma em um automóvel de papel.

Schulz traduziu “O Processo” de Kafka. Também era judeu. Também escreveu sob a sombra da figura do pai. Os labirintos míticos que descreveu, no entanto, são um pouco mais pessoais do que os do autor de “Metamorfose” – são autobiografias fantásticas, cheias de aparições e metáforas que transformam quase surrealmente objetos comuns para escarnecer e espantar o tédio e a platitude do cotidiano.

De certa forma, Schulz fez o que todos gostaríamos de ter feito: uma verdadeira obra que retribui, à altura, o que recebeu do pai. Mesmo que isso nunca nos pareça o suficiente.

FERNANDO MOTTA

inaugura dia 14, no Convento das Mercês, sua nova exposição de pinturas batizada com o nome de “Ecos da Memória”



Fotos/Divulgação

O ARTISTA

visto pelo olhar sensível do marchand Marco Antonio Lima

Fernando Motta é antes de tudo um “esteta” no sentido literal da palavra, pois é um ser humano único, que aprecia e pratica o belo como valor essencial e que tem a arte numa elevada concepção. Como profissional da arquitetura foi um dos responsáveis pela verticalização e modernização arquitetônica de São Luís, com projetos contemporâneos, que primam pela pureza e delicadeza das formas construtivas, onde não há espaço para excessos e devaneios que roubem a beleza pretendida.

Ele é um dos poucos profissionais da área que acreditam e praticam o mantra de que “menos é mais”. Como ser humano, é um legítimo e autêntico “gentleman”, com conduta irrepreensível, dotado de grande educação e cultura, e de enorme delicadeza no trato para com o próximo, independente da sua condição social. A porção “artista” de Fernando não poderia ser diferente, pois sua arte é o reflexo da sua personalidade e modo de encarar o mundo: delicada, fluída, sentimental e dotada de forte carga pictórica. Fernando expressa declarada admiração pelo trabalho dos artistas Claude Monet e Camille Pissarro, ambos pertencentes à corrente



artística do Impressionismo, bem como também aos artistas Paul Cézanne e Vincent Van Gogh, enquadrados no Pós-Impressionismo.

Mas engana-se quem pensa que sua inspiração e referências são apenas da pintura moderna. As técnicas e cores do Renascimento, na obra de Rafael Sanzio, um dos mais importantes artistas do período, também são citadas por ele, como influência em seu trabalho artístico. Essas referências bastante “plurais” demonstram o seu elevado grau de conhecimento e

aprofundamento na história mundial.

Em seus trabalhos recentes, Fernando dedica-se a dois temas recorrentes em sua carreira: paisagens e naturezas-mortas, com alguns poucos exemplares de trabalhos com temática livre. Percebe-se, entretanto, que em todos os trabalhos as cores e a luz dessas pinturas, são fortemente inspiradas nos seus artistas prediletos. Em 1874, com muita ousadia para a época, um grupo de artistas estabelecidos na capital francesa organizou uma

exposição própria, independente dos Salões tradicionais do período, que foi o início do Impressionismo. As pinturas eram coloridas e informais. Suas ideias, que vinham se desenvolvendo desde meados da década de 1860, evoluíram da arte paisagística inglesa e do Realismo, com obras espontâneas e naturalistas. Os primeiros impressionistas, entre os quais destacam-se Claude Monet (1840-1926), Pierre Auguste Renoir (1841-1919), Camille Pissarro (1830-1903) e Berthe Morisot (1841-1895), colocavam em prática as teorias das cores e a introdução de pigmentos sintéticos, que abriram um leque de nuances nas cores até então utilizadas. Eles pintavam paisagens e cenas do dia a dia retratando as pessoas comuns e a vida moderna, mas seu foco se dirigia essencialmente para os efeitos transitórios da luz e das condições atmosféricas. Pinceladas rápidas de cores vivas enfatizavam a mudança de clima, pois eles costumavam pintar ao ar livre, bem na frente de seus motivos, e não mais dentro de seus ateliês.

Na série de pinturas de naturezas-mortas Fernando apresenta composições fluídas e delicadas, com forte influência da arquitetura, com

perspectivas e ângulos milimetricamente calculados, que buscam retratar cenas corriqueiras, que tanto podem ser de interiores europeus, quanto de cenários brasileiros. São trabalhos com enorme carga pictórica, pela complexa elaboração das cenas, mas extremamente delicadas e refinadas, pela composição dos traços e das suaves cores, nitidamente impressionistas.

Nas suas pinturas de paisagens, Fernando expressa total liberdade de criação, o que é próprio dos artistas; para nos apresentar cenas cotidianas de lugares criados em sua imaginação, e fruto de suas memórias e andanças pelo mundo, sem se ater ao realismo do cenário retratado. Utiliza pinceladas soltas e cores vivas para compor paisagens e narrativas não necessariamente objetivas. Para ele, o que interessa é a elegância da composição e a fluidez das cores. Isso é o que basta ao artista! (...)

Podemos concluir e afirmar que Fernando é, sobretudo, um artista atual quando vence todas as barreiras de modernos conceitos, varando preconceitos estéticos porque sua pintura é universal, sem fronteiras nem limitações, com tal peculiaridade, que chega a nos comover.

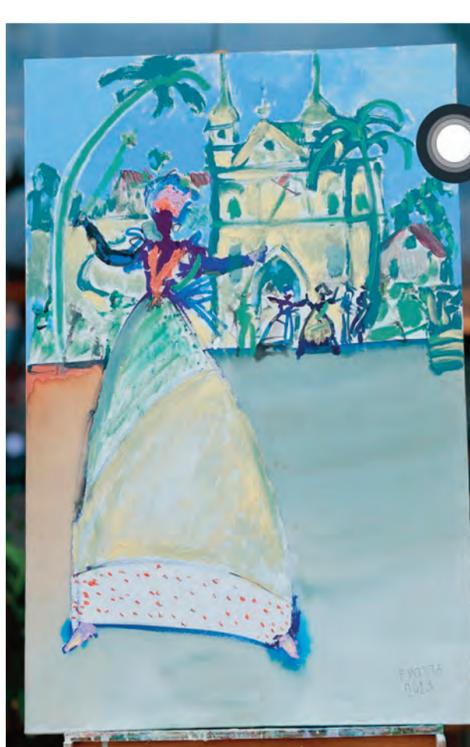
A natureza de Fernando Motta

vista pelo olhar de Kécio Rabelo

As paisagens e naturezas mortas, suavemente cunhadas nos traços de Fernando Motta, delineiam o impressionismo sucinto de sua obra.

A vivacidade de suas inspirações, que passeiam entre as cenas do cotidiano e as contracenas da vida social e cultural, expõe o que de mais essencial o pintor quer expressar: vale a vida contida na criação, seja qual for o seu estágio, sua etapa ou concepção. É dessa aspiração que vive a arte, eternizar o comum, tomando-o extraordinário.

Se é verdade que as pinceladas do artista são extensões de suas veias, em Fernando Motta as cores e traços gritam sua essência e delicadeza sem deixar de imprimir em formas, a firmeza de seu caráter e convicções. É desse encontro feliz, entre os traços livres do arquiteto perspicaz, que nasce a genuína e viva natureza, de vida e de arte de Fernando Motta.



Inventário ao som de minhas lembranças

1 A solidão em um leito de hospital é o lugar propício para sonhar e recordar. Há sempre dois momentos únicos em minhas andanças por céus distantes. Um deles é o da partida: bate-me suave a noção de que estou no limiar das gentes, das terras, das cenas, das vozes docemente estranhas com que vou conviver pelas semanas seguintes. É quando meu inquieto coração se preenche de brandas expectativas. E há o instante da volta. Sento nesta sala, ao som de minhas lembranças e de uma seleção de CDs eleita a capricho, e inventário o que vou confiar ao papel e o que vou guardar em meu inédito baú de memórias.

De minhas lembranças de viagem, guardo um capítulo especial para o imenso transatlântico que se converteu em meu hotel por entre cenários da Itália, da Grécia e da Turquia e por trechos esparsos da Antiguidade Clássica.

Já de certos roteiros íntimos e sem maior compromisso com a história e a geografia, vou povoando outras crônicas para um possível livro de memórias.

2 Não sei de outro começo melhor do que recordar um amanhecer no porto de Katakolon. Porque no transatlântico não há dia e não há noite, tudo é uma permanente celebração da vida, eu tinha ido dormir tarde. Despertei num sobressalto e em pouco estava no largo cais onde percebi que meus companheiros de jornada já haviam tocado para as esplêndidas ruínas de Olímpia.

Era cedo, mas fazia um sol mediterrâneo. Avistei o terraço protegido de um restaurante, pedi um café, que me chegou guarnecido de pães cuja receita deve andar extraviada desde o Século de Péricles. Nunca provei nada mais saboroso.

De repente se foi a urgência de partir, me baixou uma lassidão dos sentidos, me tomou uma paz inusual, me pareceu que voltava a um lugar onde fora há milênios um homem simples e bom. E olhava as águas translúcidas do Jônico e via peixes como os que pesquei em idades perdidas na Lagoa do Binga, em minha Presidente Dutra, e redescobri numa encosta a casa branca que foi minha.

Mas aí ouvi vozes me chamando, não ao homem simples e bom que fora, mas ao turista intruso que eu era. Essas vozes me convidavam em idiomas diversos para repetir uma van até Olímpia. E a lassidão me abandonou e me transformei de novo no sujeito programado que às vezes sou. E dividi a van, e um par de olhos azuis perguntou de repente se eu era sempre assim tão silencioso.

3 Jamais vou ser filósofo, ou místico. Tímidos são os voos de meu espírito e de meu pensamento. Não passo de um homem comum, dono de escassa percepção dos seres e das coisas.

Há pessoas que nasceram com a vocação das grandes sinfonias. Já de mim lembrarão talvez como um apreciador de chorinhos.

Isso explica de algum modo minha primeira visão de Patmos. Os transatlânticos ancoram ali ao largo. Umas lanchas de linhas esguias levam os turistas ao mínimo porto. Foi navegando rumo ao cais que me invadiu toda uma provisão de ingênuo encantamento. À minha frente se erguiam nuas montanhas em cujo regaço se aninhavam centenas de casas luminosamente brancas. O céu era uma impossibilidade azul, o mar, uma improbabilidade do mesmo e exato tom profundo. Ao desembarcar na ilha, galguei ladeiras estreitas e floridas e a cada passo da escalada, mais se ampliavam os panoramas que me figuravam uma edição revista do Olimpo. Dito o que, peço licença para transitar da mitologia a uma imitação de fé.

4 Sem aviso me surpreendi diante da gruta sagrada. Chamam assim ao refúgio, situado no alto da encosta, no qual São João Evangelista, o discípulo predileto de Jesus, o irmão de São Tiago de Compostela, recebeu de Deus a ordem de escrever o Apocalipse, palavra que traduzida quer dizer Revelação.

É esse o último livro da Bíblia. Foi composto num grego incorreto, que deixa transparecer a origem semita do autor. Apesar disso, seu estilo é riquíssimo em alegorias, cuja qualidade poética lembra o surrealismo. É a única parte profética do Novo Testamento, mas trata tanto de acontecimentos que estão por vir quanto reinterpreta o passado e excursiona ao presente. Há nele pelo menos dois trechos que me emocionam: a descrição incomparável do ser que parecia o Filho do Homem e a da ressurreição dos mortos, no fim dos tempos.

Mas paro por aqui. Não me atreveria a ir além nesta brevíssima menção a um texto que vem sendo estudado há séculos por sábios do mundo inteiro, que antecipa a ciência que atende por ecologia, que inspirou gênios como Dürer.

5 Devo acrescentar que me tocaram ainda a inscrição que há na entrada da gruta – Este lugar não é em nada temível, esta é a Casa de Deus e a Porta do Céu – e a fenda que, naquele espaço despojado, é o tríplice símbolo de um mistério principal.

À saída já não tinha olhos para a paisagem. Concentrava-me em labirintos interiores, não à procura do místico ou do filósofo que não serei; mas de uma distante crença que um dia preencheu de paz a alma do menino que fui.

O exílio amargo dos venezuelanos

Faço coro com Fabrício Carpinejar sobre o exílio amargo dos venezuelanos

Quem abandona um país adota uma atitude extrema. Realmente é quando há violação dos direitos básicos da cidadania, é quando há insalubridade, desemprego, miséria e supressão da autonomia. Trata-se de uma medida urgente, que desencadeia o brutal afastamento de parte da sua família e de suas raízes.

O pensador palestino Edward Said talvez tenha melhor definido o que é essa sensação de ruptura de vínculo. Ele a concebe como a quebra de um osso em Reflexões sobre o Exílio (Companhia das Letras, 2001): “É terrível de experimentar. Ele [o exílio] é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada”.

O exílio amargo...2

Os estilhaços não se recompõem. Se a dignidade humana está representada em tudo o que foi construído com o suor do trabalho ao longo da existência, perde-se subitamente a identidade da memória. Ao morar em qualquer local, você também percebe a si como qualquer pessoa.

O exílio é o gosto amargo de uma derrota coletiva. É uma saída forçada, jamais cogitada. É aquilo que o filósofo italiano Giambattista Vico dizia de “se sentir um estrangeiro em sua própria pátria”.

No caso da Venezuela, aqueles que saíram do país estão inseridos em duas categorias: os que foram expulsos e impedidos de voltar (exilados na acepção literal da palavra); e os que moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos sociais (na condição de expatriados).

É uma situação muito diferente da dos emigrados, com liberdade de escolha, que optaram por deixar seu país por questões pessoais.

O exílio amargo...3

Se, apesar das irregularidades escandalosas da nova eleição de Nicolás Maduro, alguém tem dúvida (e segue a conduta perclitante e melindrosa do presidente Lula) de que a Venezuela mergulha numa tirania sem precedentes, basta ver o contingente de evasão de seus habitantes.

Como explicar que existam 7,7 milhões de venezuelanos vivendo fora?

De acordo com a Agência da ONU para Refugiados (Acnur), eles migraram desde 2014, no maior êxodo da história recente da América Latina, cobrindo a extensão do primeiro ao terceiro mandato de Maduro.

7,7 milhões de uma população de 28,3 milhões! Um número expressivo que evidencia a opressão.

27,2% da nação atravessou as fronteiras, um a cada quatro moradores procurou refúgio no estrangeiro.

O exílio amargo...4

Se fôssemos comparar com o Brasil, proporcionalmente, seria o equivalente a 54 milhões de brasileiros no Exterior.

Segundo dados da Organização Internacional para as Migrações, há cerca de 586 mil venezuelanos acolhidos no nosso país. É só falar com um deles para entender a natureza nada turística do asilo.

Não são indivíduos que buscaram simplesmente uma alternativa de sobrevivência, porém escaparam de um regime autoritário que castiga a pluralidade, censura manifestações, pune dissidentes, persegue artistas e jornalistas de tendências críticas e prende opositores.

Até o Tribunal Supremo de Justiça e o Conselho Nacional Eleitoral têm atitudes suspeitas, condicionadas pelo Executivo.

O exílio amargo...5

Nem o WhatsApp é recomendado pelo ditador, que pediu para a população excluir o aplicativo e usar os serviços do Telegram, criado na Rússia, e do WeChat, desenvolvido na China.

Não sobra esperança, essa luz no fim do túnel. O findar da esperança é o mais profundo desterro. As trevas da pátria.



O **ADVOGADO** Gustavo Sauaia, um dos mais atuantes de São Luís, com o **Repórter PH**

Intersexo e transgênero

A Olimpíada da França está marcada pela polêmica. Após o mal-entendido sobre a Santa Ceia, agora o alvo é Imane Khelif, lutadora de boxe argelina. A acusaram de ser transgênero, uma mentira. Depois ela seria intersexo, alguém que nasce com genitália ambígua, quando não se sabe, ao nascer, qual é o sexo. Transgênero é quem não se reconhece com o corpo que nasceu.

Imane nasceu e foi criada como menina. Os boatos sobre ser intersexo começaram quando a Associação Internacional de Boxe (IBA) a desclassificou do mundial de boxe de 2023. Conforme eles: “tendo vantagens competitivas sobre outras competidoras femininas”. Mas não foram claros quanto à razão.

Intersexo é uma palavra guarda-chuva. A genitália ambígua pode ter várias origens. Por exemplo, entre tantas possibilidades, nos extremos podemos ter um menino que depois se revela geneticamente XX, ou o contrário, uma menina depois revelada XY.

Intersexo e transgênero...2

Nada nos permite concluir quanto a Imane, os fatos e os boatos se misturam. Além disso, o Comitê Olímpico Internacional (COI) e a IBA não se entendem. O COI, e não só ele, dizem que a IBA não é farinha de se fazer hostia. A acusam de manipular resultados.

A polêmica tem fundo político. Mas não é só isso, é difícil decidir sobre o tema, tanto no caso transgênero como no caso de intersexo. O COI é obcecado quanto a questão do uso de doping para obter vantagens físicas. Como eles fariam para classificar atletas, entre ser homem ou mulher, nos casos trans e intersexo, com o mesmo rigor que têm quanto ao doping?

Intersexo e transgênero...3

A diferença entre os sexos não se resume apenas a quais hormônios estão ativos, mas quais estavam quando o corpo se constituiu. Os músculos de homens e mulheres são diferentes no volume e na distribuição dos tipos de fibras. O aporte de oxigênio para as células é diferente. As vantagens tendem para o corpo de genética masculina.

Enfim, é um tema complexo, daqueles em que somos felizes por não ser da nossa alçada. Na Grécia antiga só homens participavam das Olimpíadas. Na época moderna, as mulheres entraram depois da Primeira Guerra. A Olimpíada de Berlim foi marcada por derrotar o racismo. Talvez esse seja o desafio do momento.

Concurso nacional

Candidatos podem conferir local de prova a ser realizada no dia 18.

Os mais de 2,1 milhões de candidatos do Concurso Público Nacional Unificado (CPNU) já podem conferir o seu local de realização da prova, que será realizada no próximo dia 18.

O local e horário da prova estarão presentes no Cartão de Confirmação de Inscrição na Área do Candidato no site da Fundação Cesgranrio, organizadora do Concurso Nacional Unificado. Para acessar, basta realizar login no endereço cpnu.cesgranrio.org.br com os dados da conta cadastrada no portal gov.br.

Além de indicar o local, o documento apresenta o número de inscrição de cada candidato e informações sobre tratamento especial – como nome social, por exemplo.

Vestidos como astecas

Um grupo de mexicanos vestidos com trajes da civilização asteca participou da audiência semanal com o papa Francisco, no Vaticano.

Encontro realizado quarta-feira também foi marcado por protestos de um grupo a favor dos animais, que se manifestou contra as touradas, comuns na Espanha.

Ativistas alegam que padres católicos oferecem bênçãos aos toureiros locais.

O Vaticano não se manifestou.

Por que Kamala escolheu Tim Walz

Walz é ex-membro da Guarda Nacional, ponto relevante para os americanos, pelo histórico militar. Considerado um “democrata moderado” por aliados, vem do meio rural, espaço que o Partido Republicano tem maior aderência. Joe Biden tem pouco contato com esse grupo, e o Partido Democrata vê oportunidade.

Alguns analistas apontam que Walz tem forte ligação com a classe média trabalhadora branca, espaço com o qual Biden também não tem proximidade. Ainda nesse grupo, ele é descrito como um “vovô do meio-oeste” e foi técnico de futebol americano.

Walz é presidente da Associação Nacional de Governadores Democratas e visto como um “político progressista”, com pautas voltadas para o direito das mulheres e alinhado com o discurso de Kamala.

A expectativa era de um vice dos “swing states”, os chamados “pêndulos”. Minnesota é historicamente democrata, porém acredita-se que os republicanos estariam tentando conquistar o local e esse seria outro motivo para a escolha. Minnesota também está ao lado de Wisconsin e Michigan, que, estes sim, são “pêndulos”.

O EMPRESÁRIO Luiz Carlos Cantanhede Fernandes tem dedicado a maior parte do seu tempo aos cuidados com a esposa Melina, que ainda se recupera de uma cirurgia no pé, e Amaro Santana Leite (que tem sido muito solidário com a esposa Ana Lúcia nos cuidados com a mãe dela (97 anos), dona Cacilda Albuquerque, que está enfrentando problemas de saúde



DE RELANCE

“Não quero usar a expressão guerra civil, mas temo muito”, diz Celso Amorim sobre crise na Venezuela

Transporte: uso de carro por app tem custo diário de R\$ 26, indica pesquisa da CNT. Motorista com veículo próprio gasta cerca de R\$ 30.

Valores a receber: brasileiros ainda têm R\$ 8,51 bilhões disponíveis para saque em bancos, consórcio e outras

instituições financeiras, segundo o BC.

Aproximadamente 10 mil pessoas devem passar pelos cemitérios de São Luís, neste Dia dos Pais.

A prefeitura orienta os visitantes para que cheguem cedo para fazer suas homenagens e alerta para o cuidado de não acender muitas velas nos túmulos, para evitar que o fogo fique muito alto e se espalhe pelas folhas das árvores

que caem com frequência nesse período.

O livro da Embrapa “Brasil em 50 alimentos” ganhou o Prêmio Jabuti Acadêmico. Nessa primeira edição do prêmio, destinada ao reconhecimento das áreas científicas, técnicas e profissionais, como uma faceta a mais do tradicional prêmio literário, a Amazônia está representada em cinco capítulos, assinados por cientistas e jornalistas da Embrapa Amazônia Oriental.

AS EMOÇÕES

de um domingo qualquer, que para muitos é o dia do juízo final

1 No leito de uma UTI, o domingo chega com as cores do juízo final da semana. Você institui seu tribunal do júri pessoal e intransferível. Os julgadores são os olhos, seus membros, o umbigo, o fígado vulnerável e a ambição malsã.

Indisfarçáveis são os infortúnios dominicais, em São Luís, em Nova York, em Lisboa ou em Paris, tanto quanto as rugas das mulheres e a ânsia de mostrar coxas, este comportamento similar ao frenesi de dar bananas do poema de Vinícius de Moraes.

Estamos rendidos na batalha diária, por nós mesmos, enquanto esperamos a segunda-feira. Aos domingos, os bombardeiros psicológicos desovam mais bombas sobre a areia movediça de nossa alma.

Nesse conflito insípido nem sangue há.

2 Proclama Shakespeare no ato II de Cymbeline: “Arma-me, audácia!”. Aos domingos as audácias são difíceis de armar as pessoas.

Domingo é dia de descanso. Convivemos apenas com nossas falácias. Paradoxalmente silenciosas. E terminamos vencidos no primeiro instante da luta ornamentada como uma festinha de Natal fora de época.

3 Manhã de puro desencanto atíça pés do vento. Estou em Nova York e penso em São Luís enquanto atravesso a ponte de Brooklyn. Existem afagos em um certo apartamento em Hans Road, Knightsbridge. Ali T.S. Eliot dizia pela voz morta: “Aqui passado e futuro estão/ Conquistados e reconciliados”.

Administro o cansaço entre uma viagem e outra. O cansaço se mede com régua ou fita métrica. Como se mede busto ou nádegas de uma mulher que já não nos interessa.

Na rua 42, certo inverno, vi um pintor descer de yellow cab. Era Salvador Dalí, de quem retomo obsessões. O pintor confessa, com a voz quase inaudível da morte, que organiza a catástrofe. Assim como Hitler organizou sua descida ao Walhalla.

O artista observa que Hitler era masoquista e queria o abismo. Pretendeu e conseguiu mais. Conquistou o insulto absoluto.

Pela voz de Paul Verlaine faz-se a síntese do sentimento da humanidade. As lágrimas inundaram meu coração como a chuva alaga a cidade.

4 Foi a última a primeira vez em que a vi. Perguntei-lhe sem perguntar em que trapézio voador voaria. Bateu as asas. Imperiosamente como quem mente ou como quem inicia a construção dos

próprios olhos para olhar o mundo.

A cena se passou enquanto se projetavam cenas de Casablanca. Humphrey Bogart despedia-se de Ingrid Bergman. Como se pudesse despedir-se. Até hoje continua despedindo-se em preto-e-branco para a convulsão da inveja dos efeitos em cores.

Hoje, revejo-a na memória que se eleva ao ar como o grito das gaivotas aflitas. Pude vê-la enquanto se desvanecia no meio da rua. Tangível como um pedaço de pão.

5 Mulher no espelho. Homem no espelho. Pessoas no espelho no Guggenheim Museum de Nova York. Distorções. Paro e penso igual a Albert Camus: “O homem é a única criatura que se recusa a ser o que é”.

Entre as sirenes das ambulâncias e o cume dos arranha-céus da Primeira Avenida, Heráclito paira entre ruídos para dizer que não se pode andar duas vezes no mesmo rio.

Por isso nos apartamos como nos momentos em que as pétalas caem das flores.

6 Homem vestido como um monge. Vestuário verde e vinho. Quando precisa de esperança, olha o verde do tecido. Bebe quando quer beber o vinho da cor da indumentária. A cabeça pende para a direita. Está suspensa entre ombros e mãos amarelas.

Rua 53. Dentro do Museu de Arte Moderna de Nova York a cabra de Picasso berra no jardim. Protesta. Quer ser um minotauro e é apenas uma cabra. Cabras dão berros e leite. Homem vestido como um monge. Pergunto-lhe sobre o desapontamento da cabra de Picasso exilada no jardim do Museu.

Mudo, entretanto, a interrogação: a que ordem religiosa o sr. pertence? “À ordem da desordem!”, responde.

7 Em nenhum momento pergunte-se sobre os limites da cidade e as divisas do seu corpo. De um lado estão as águas do East River e do outro as águas do Hudson. Você já veio como se visitasse um de seus arrabaldes, uma de suas casas.

Talvez sinta que até se despede das coisas. Da cama de seu pequeno quarto de hotel, das longas caminhadas entre downtown e a Strand, onde compra livros com a reprodução de quadros de Lucian Freud e de Edward Hoper, do sushi que busca na Rua 45, do banco de madeira do Central Park.

A cidade deu-lhe solidões inumeráveis, O Fantasma da Ópera, Le Cirque du Soleil, chá de lychee... Um dia deixará de dar. Você não estará mais aqui para receber tudo isso. Nem eu.



A chegada triunfal da noiva Hannah à Catedral Metropolitana de São Luís



Primeira entrada da noiva Hannah na igreja: com o pai, Roncalli Bendegó

O AMOR ESTÁ NO AR:

foi lindo e emocionante o casamento de Rogério Duailibe e Hannah Rolim

O amor é epidêmico. Contra ele, ainda não descobriram a vacina. Pega no ar, no olhar, no contato físico, na troca de fluidos, contagia sempre e de qualquer forma. O amor desafia qualquer sistema imunológico, desafia a penicilina, os bons conselhos, o juízo. O amor arrebatava e comanda. Desmanda e manda. O amor está no ar.

Abram passagem para Sua Majestade!

Uma volta ao tempo em que os casamentos eram mínimos; os convidados, apenas os parentes próximos e os amigos íntimos. Ah, as noivas eram pontuais, as igrejas, decoradas de modo singelo, com grande delicadeza, os padrinhos eram poucos, a recepção não lembrava uma convenção ou congresso. Você se sentia efetivamente na residência da noiva (apesar de, às vezes, estar num espaço alugado), tudo era decorado com bom gosto e sobriedade, sob direta e única supervisão da mãe da noiva. A horas tais, ela já sem o véu, os noivos desciam a escadaria da residência (após uma escapulida a dois pós cerimônia religiosa, para mais tarde reaparecerem na festa).

Tudo fluía com normalidade, sem afetações, os grupos se formavam com elegância, as pessoas circulavam sem frissons nem exibicionismos, conversando cordialmente todos com todos, até o momento em que todos se reuniam ao redor de uma das salas, pois "o pai da noiva vai falar".

Ele falava com espontaneidade, lembrando fatos da infância da filha, que certamente todos ali conheciam desde sempre. E cada um sorria, se divertia com as lembranças, sentindo-se parte da mesma família.

Cálidas recordações, costumando ser ilustradas por projeções de fotos das várias etapas da curta vida da jovem. Falavam em seguida o pai do noivo, um melhor amigo do rapaz e também a irmã da noiva, se ela a tivesse.

Depois, vinha o bolo, empurrado numa mesa de rodinhas para o meio da sala. Noivos e seus pais posavam para as fotos, atrás do bolo, faziam o brinde, cortavam os primeiros pedaços. Ato contínuo, se punham a dançar. No início, os noivos, os pais, os padrinhos. Seguidos por todos os pés de valsa presentes, até a pista se fazer pequena...

E havia a irresistível mesa de doces, e o champagne inesgotável, de qualidade sempre ótima. Ah, antigamente!

Não, caros leitores, não foi antigamente. Foi dias atrás do casamento de Hannah Rolim e Rogério Duailibe, na Catedral Metropolitana de São Luís, com recepção no hotel Blue Tree Towers, no Calhau.

Pareceu até que o tempo parou quando Hannah, linda e majestosa num elegante vestido criado pelo estilista de noivas André Betio, de São Paulo, adentrou a Catedral em direção ao altar, conduzida pelo seu pai, Roncalli Bendegó, e, depois, pelo padrasto, Rodrigo Vilarinho. Era o puro retrato da realização de um sonho de amor, tamanha a emoção que transcendia entre os três. A mãe Magnólia, sem conter as lágrimas, acompanhava a cada passo, compactuando com eles de toda aquela indescritível emoção. O mesmo acontecia com a mãe do noivo, Virgínia Duailibe, linda num vestido azul criado pela estilista mineira Glória Coelho.

Rogério, com um sorriso apaixonado, usando um terno sob medida assinado por Ricardo Almeida, e olhando nos olhos de Hannah, reafirmou junto com ela perante a todos, como é grande o amor que um sente pelo outro.

O ato religioso foi oficiado pelo Padre Cláudio Fernandes, amigo dos noivos, com acompanhamento musical do Coral São João, regido pelo maestro Fernando Muchreck, com a participação do tenor Alessandro Batista, cuja voz emocionou a todos os presentes.

Aliás, felicidade, beleza, amor e muita emoção dominaram o clima da cerimônia religiosa para a união de Rogério e Hannah, em bela cerimônia na Catedral, decorada, tanto quanto o Blue Tree, pela jovem Luciana Coutinho, que usou gypsophilas e lírios para a bela e sóbria composição floral.

Após os votos de amor dos noivos e de terem dançado a Valsa de A Bela Adormecida (Tchaikovsky - Sleeping Beauty Waltz), os noivos e seus convidados invadiram a pista de dança, embalados pelas bandas de Panda e da sempre animada Fabrícia, até o sol raiar.

Uma festa que ficará registrada com letras de ouro no livro dos grandes acontecimentos sociais desta cidade Patrimônio Cultural da Humanidade.



Ainda no trajeto até o altar, a noiva com o padrasto Ricardo Vilarinho



Completando o trajeto até o altar, a noiva com sua mãe Magnólia Rolim Vilarinho



O beijo apaixonado do noivo Rogério na noiva Hannah



Os noivos Rogério e Hannah trocando juras de amor diante do padre Cláudio Fernandes



Em destaque, o bonito bolo de casamento assinado pela design Fernanda Moreno

Fotos/Divulgação



Irmã e mãe do noivo: Cristiana Duailibe Costa e Virgínia Duailibe



Diante do Altar Sagrado de Nossa Senhora da Vitória, na Catedral Metropolitana, os noivos e seu cortejo de afilhados: João Ricardo, Eduardo José, Lara, Gabriela, Sofia e Enzo



Flávia e Luiz Franciso Léda com a filha Renata e a neta Giovana



A Avó da noiva e a mãe do noivo: Cosma Rolim e Virgínia Duailibe



Maria Carolina, Maria Clara, Maria Jaerly, Maria Eduarda e Maria Sofia Rolim



Marcio Raposo, Maria Clara Rolim e sua filha Maria Sofia



Aya Bendegó, Enne Bendegó, Silvia Kélen Silveira e o pai da noiva Roncalli Bendegó



Três belas: Paula Quinet Duailibe, Renata Duailibe Léda Gonçalves e Cristiana Duailibe Costa



Sob a chuva de arroz com votos de felicidade!



Vitória e sua mãe Sarandréa Rolim



Ana Gabriela Léda



Zila Maria Duailibe, Jorge Duailibe e Sandra Duailibe



Ronan, Michelle e Ricardo Vilarinho



Virgínia Duailibe com Magnólia Rolim e Jacira Haickel



Francimar Viana Plantier, Ana Cristina Maranhão, Tiana Gomes Pereira, Silvana Duailibe Abreu e Ana Maria Imbroise



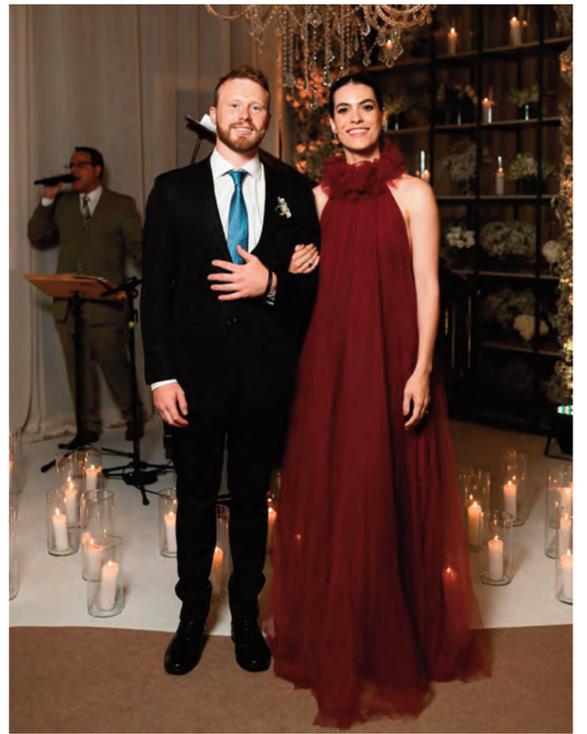
Magnólia Rolim e Rodrigo Vilarinho, com a mãe dele, D Regina, que veio do RJ para o casamento



Oton Lima, Cristiana Duailibe Costa, Isabela Murad e Augusto Pestana



Geiza Gomes, Luana Carvalho, Cristiana Duailibe Costa e Glenda Rego



Mathew Sarazim e Allenca Rolim, ela irmã da noiva, moram nos EUA, mas vieram para o casamento



Marcia Duailibe Forte, Virgínia Duailibe e Sílvia Duailibe Costa



Antonio Ribeiro da Silva Filho e Regiane com Virgínia e Ricardo Duailibe



Oton Lima e Tiana Gomes Pereira

Fotos/Divulgação/Herbert Alves



Isabel e Jorge Luís Duailibe com os filhos e noras



Ricardo Duailibe entre a prima Sandra Duailibe (D) e sua companheira (E), Dra Heloisa, médica paraense

Bastidores do casamento

1 O casamento de Rogério Duailibe e Hannah Rolim teve de tudo, inclusive música da melhor qualidade, graças à participação do Coral São João, com intervenções cirúrgicas do tenor Alessandro Batista.

2 Na recepção teve os acordes de um piano bem afinado para a execução de um repertório de blues, jazz e lounge music para receber os convidados no Blue Tree, onde fazia sucesso a decoração luminosa de Luciana Coutinho, o sóbrio bolo de casamento assinado por Fernanda Moreno, da Cake Design, e o excelente serviço do cerimonial a cargo da Oficina de Eventos, das competentes cerimonialistas Elda e Luciana.

3 Destaque especial para a participação do vocalista Panda e sua banda e para a sempre esufizante e bem ritmada cantora Fabrícia, que agitou a pista de dança com um repertório eclético e sua excelente banda.

4 Elogios para a apresentação do buffet monumental assinado pelo Chef Rilson Tiburtino, com uma enorme variedade de pratos para o jantar e, também, para o café da manhã, servido para a galera que ficou na folia para abraçar o Sol com a mão.

5 Elogio especial para a mãe da noiva, Virgínia Duailibe que, de forma discreta e muito elegante recepcionou seu numeroso grupo de amigos e parentes que vieram de outros estados só para prestigiar o casamento.



Desembargador José Jorge Figueiredo e Neuza Bacelar



Norma Rolim e Marcony Quaresma



Mikaelly Rolim



João Rolim e Dª Cosma, avós da noiva



Desembargadoras Márcia Chaves e Francisca Galiza com Allana e Flávio Araújo Costa



Luciano e Rodrigo Facury Ferreira (irmão de Virgínia Duailibe) com os filhos Victor, Joaquim e sua noiva



João Guilherme de Abreu e Roberto Albuquerque



Dr Serafim Gomes, sua esposa Monica Ribeiro e sua filha Gabriela, uma das damas do cortejo



Temis Sauaia, Rosana Duailibe, Flávia Leda e Sílvia Duailibe Costa, tias do noivo



Cristiana Duailibe Costa, Isabella Facury Ubaldo, Flávia Duailibe Leda



Luciano e Rodrigo Facury Ferreira (irmão de Virgínia Duailibe) com os filhos Victor, Joaquim e sua noiva



Desembargadora Graça Soares Amorim com Tiana Gomes Pereira e Virgínia Duailibe



Didi Gheller, Maria Amélia Bellodi, Syglia, Carolina Paraguassu, amigas queridíssimas, que vieram de São Paulo, Recife e Rio de Janeiro especialmente para o casamento.

Evandro Júnior

evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

@evandrojr

@evandrojr



Evandro Júnior sendo recebido por Fernando Menezes, CEO da Selffit

A Selffit Academias reuniu convidados para um almoço exclusivo no restaurante Mamas. Foi uma oportunidade para apresentar as novas unidades da rede, que estão sendo inauguradas na capital maranhense: uma no Olho d'Água, outra no São Luís Shopping e uma terceira em Paço do Lumiar.

Os convidados foram recebidos por Fernando Menezes (CEO), Alysson Lisboa (superintendente MKT e Comercial), Vinicius Mendonça (CFO), Eduardo Braun (diretor



Leonardo Zanoteli, Fernando Menezes e Guilherme Goudinho

de Operações) e Fabíola Azevedo (coordenadora comercial).

Fernando Menezes aproveitou para falar sobre o crescimento da rede desde 2012, com a primeira unidade sendo aberta em Salvador (BA). Agora, a academia está presente em 16 estados e o objetivo é alcançar todo o Brasil.

Também estavam presentes a direção do Shopping São Luís, representada pelo diretor executivo Igor Quartin, que falou sobre as expectativas para o novo empreendimento.



Luli Fernandes



Emily Ferreira



Luane Holanda



A nutricionista e jornalista Karine Baldez Veras



Vinicius Mendonça (CFO), Fernando Menezes, Yanca Fontenele e Alysson Lisboa



Eduardo Braun (Siretor de Operações), Fabíola Azevedo (Coordenadora comercial), Igor Quartin (diretor executivo do São Luís Shopping), Washington Macário, superintendente do Shopping São Luís, Fernando Menezes, Jacques Franklin (diretor do São Luís Shopping) e Alysson Lisboa (superintendente de MKT e Comercial)



Thamara Awake com uma taça de vinho após a palestra

A co-founder do Awake Foto e Filme, Thamara Awake, compartilhou suas experiências de sucesso na primeira edição do projeto Terça para Mulheres (TPM) deste segundo semestre, na AmoVinho Bistrô & Adega, no Parque Shalon.

Foi uma noite regada a descontração, vinho e um cardápio dos deuses, sob o comando de Célia Marinho e equipe. A convidada falou sobre o tema 'Imagem e Influência': Ferramentas Visuais para Mulheres Empreendedoras.

O 'Terça para Mulheres' completou um ano no calendário fixo do espaço, escrevendo um livro de histórias contadas por mulheres empreendedoras e vitoriosas.



Célia Marinho dando as boas-vindas às convidadas do TPM

Rock no Consulado Music

Depois de duas tardes/noites de sucesso incrementando a agenda cultural no Centro Histórico de São Luís, o Consulado Music Beer, na Praça João Lisboa, promove, nesta sexta-feira, mais um evento especial temático, desta vez em homenagem ao rock. O evento é uma iniciativa da OFF Produções em parceria com a Pororoca Produções.

Consulado Sessions

A casa vai editar o Consulado Sessions, festa com a presença de duas bandas de expressão dentro desse gênero musical na capital maranhense. São os grupos The Veras e Original Fire. Além das bandas, o público vai aplaudir e dançar com o cantor Jamilson Jackson. A programação conta, ainda, com a participação dos DJs Alladin e Ksyfux, que se apresentarão nos intervalos das atrações principais da noite.



Músicos Denis Noronha, Jônatas Duarte, Ítalo Torres e Vini Onety, da banda Original Fire, que nesta sexta-feira se apresentam no Consulado Music Beer, novo ponto de encontro musical, na Praça João Lisboa. Além dessa banda, se apresentam The Veras, o cantor Jamilson Jackson e os DJs Alladin e Ksyfux



Atletas da APAE de São Luís e o time de alunos do CEST, que brilharam na 11ª Corrida São Luís

- O Rio Poty Hotel & Resort, na Ponta d'Areia, tem sido um dos empreendimentos hoteleiros mais procurados para eventos.

- Esta semana, por exemplo, o hotel sediou um treinamento ministrado pela equipe técnica do SPC Brasil direcionado a executivos e diretores das Câmaras de

Dirigentes Lojistas (CDLs) maranhenses.

- O evento, realizado no Salão Burity, foi promovido pelo Conselho Estadual do SPC, CDL São Luís e FCDL-MA.

- Ainda inspirados pelas Olimpíadas, os alunos atletas da APAE de São Luís comemoram

participação e excelente desempenho na 11ª edição da corrida São Luís, que é uma das principais provas do circuito de corridas de rua realizadas na capital maranhense.

- Com auxílio do professor Ribamar, responsável pela preparação dos atletas, a

delegação da APAE competiu nas categorias de Deficiência Intelectual Masculino e Feminino.

- Enquanto o time da APAE corria e suava a camisa em prol da inclusão da pessoa com deficiência, outro, formado por alunos do Centro Universitário CEST, dava show nos atendimentos aos atletas no estande da instituição.